

Rat's Bay Chronicles

Jackie Aeon

Parte 1

J. Height

Rat's Bay Chronicles

Jackie Aeon

Parte 1

1ª Edição

Porto Alegre

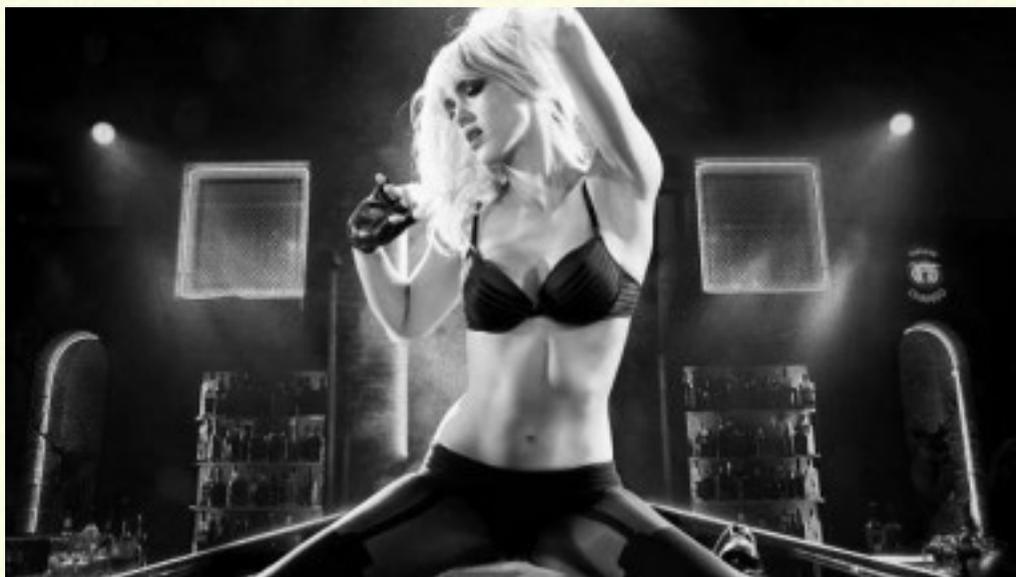
2016

Dedicatória

Índice	
Jackie Aeon – Parte 1.....	1
PARTE 1 – UNDERGROUND	6
Capítulo 1	
Uma estranha conversa.....	7
Capítulo 2	
Visitante Insistente.....	15
Capítulo 3	
Novos Caminhos.....	18
Capítulo 4	
Jogada aos Tubarões.....	31
Capítulo 5	
Um cafezinho e um passo a trás.....	44
Capítulo 6	
Onde diabos fui me enfiar?.....	55
Capítulo 7	
O Batismo.....	61
Capítulo 8	
Procurando respostas.....	80
Capítulo 9	
Revelações e Segredos.....	89
Capítulo 10	
Novos Horizontes.....	96

PARTE 1 – UNDERGROUND

“In the jungle
Welcome to the Jungle
Watch it bring it to your
Knees, knees
I wanna watch you bleed”



Capítulo 1

Uma estranha conversa

“She's got eyes of the bluest skies
As if they thought of rain
I hate to look into those eyes
And see an ounce of pain”
(Sweet Child O' Mine)

Suas mãos agarraram o cano, no qual estava encostada, com força. O hálito de vinho barato entrava contra sua vontade por suas narinas sempre que aquele homem lhe sussurrava obscenidades ao ouvido. Jackie Aeon encontrara-o pela manhã no bar onde trabalhava disfarçada, e o homem dizia ter informações sobre o sequestro que investigava. O

desenrolar do dia, levou-os àquele beco sujo, úmido e fétido. E, naquele momento, ela estava agarrada a um cano podre, sentindo o cheiro de vinho barato dele, enquanto ele forçava-a com seu ícone de virilidade. Ela chegara ao distrito de Vosk, a parte pobre da cidade, com prédios decadentes, armazéns e fábricas abandonadas, tomadas por gangues e todos os tipos desprezíveis, fazia menos de um mês, vinda direto da Central de Polícia de Rat's Bay, localizada no Distrito de Ar. Sua missão inicialmente era observar e fazer pequenas investigações, colhendo informações com os moradores. Porém, com o passar dos dias ela descobriu que os métodos tradicionais não funcionariam, as pessoas simplesmente evitavam assuntos polêmicos o quanto pudessem. E ela teve que se adaptar. Alguns poucos dias atrás um pacote na frente de seu local de trabalho passava-lhe a nova missão e, como ela era a única agente de campo já instalada no distrito, ela ficaria encarregada.

Tão logo começaram, o silêncio do beco escuro foi tomado pelos urros do homem. - Nossa... você

acabou comigo, gata! – disse o homem com forte sotaque alemão - Vamos repetir a dose outro dia.

- É, é, pode ser - respondeu desinteressadamente enquanto se vestia - Podemos conversar um pouco sobre aquele outro assunto de mais cedo?

A policial viu a expressão do homem mudar. Ele já estava vestido e pronto para sair, quando, ao ouvir a pergunta, virou-se para ela novamente.

- Porque você está perguntando isso? Eu não sei de nada. - Mas você disse, no bar... - Eu disse aquilo pra te comer, vadia! - gargalhou o homem, dando as costas a ela. – Ou você achou mesmo que eu sabia de alguma coisa?

Correndo para impedir que saísse, pois seus instintos diziam que ele sabia de algo, a policial o para, segurando seu ombro com força. A resposta fora um soco direto no queixo, que a jogou no chão, em uma poça de dejetos, totalmente atordoada.

Jackie acordara algum tempo depois. Uma chuva torrencial caía sobre ela, e, se não bastasse estar com o queixo dolorido e molhada, havia sujado sua melhor calça. Aquele realmente não havia sido um bom dia.

- Que merda! - esbravejou em voz alta - Se não bastasse uma das piores fudas da minha vida, sujei minha calça! - e, após limpar um pouco com as mãos, deu de ombros, seguindo com ela do jeito que estava. - o jeito é ir assim mesmo. Tomara que Jaweer consiga limpar, ou, pelo menos, que leve numa lavanderia! Como eu queria estar no distrito de Ar, agora. Lá sim eles conseguiriam deixar minha causa como nova. - riu do comentário. - Mas também, se eu estivesse lá, não teria transado num beco agarrada a um poste!

Passando um quarteirão e meio do beco onde estava, Jackie avistou a placa do bar onde trabalhava: Bandwidth 7 kbps. Era um buraco, lar de inúmeros tipos odiosos e desprezíveis, mas ótima fonte de informação. O dono, um homem gordo com coração imenso, Jaweer Barbosa, cuidava dela como uma filha... Não como uma filha, mas também não

como uma vadia. A policial era uma das três empregadas do lugar: havia Gostosa Barbosa, outra dançarina que tomava seu lugar quando saía; e Jade Cristal, uma garçonete que desfilava num uniforme minúsculo que ela tinha de outro serviço. Sem se importar com quem estava no local, tirou a calça, colocando-a sobre o balcão, e solicitando, como várias vezes antes, ao seu chefe o auxílio. - Jaweer, consegue limpar pra mim? - Onde você se enfiou, garota?! - perguntou o homem pegando a calça imunda - Pensando bem, nem quero saber. Vai ali atrás e troca já essa roupa! Gostosa já foi embora e os clientes estão reclamando! Menos de um minuto depois que passou pela portinha com meia-cortina cor de rosa, já estava de volta vestindo uniforme de bombeiro estilizado. Meias tipo arrastão cinza, botas grossas até metade da perna, saíha amarela curtíssima e jaqueta da mesma cor. Sobre o cabelo vermelho da peruca, um capacete do corpo de bombeiros da cidade completava o uniforme. Jaweer já havia posto pra tocar Sweet Child O' Mine, do Guns 'n Roses. E subiu no balcão.

Seu número sempre começava pelo balcão: ela adorava os olhares fixos dos clientes sentados nos bancos, olhando-a de baixo para cima, desejando seu corpo. No meio do salão tinha uma plataforma redonda com um poste; uma passarela invisível composta por luzinhas flutuantes ligava o balcão à plataforma. Seu corpo se movia num ritmo suave e provocante, um tanto fora do ritmo, em um primeiro momento, mas em seguida, seus expectadores esqueciam-se da musica e a observavam apenas... e a desejavam cada vez mais. Abaixou-se, escorregando uma das pernas por entre as pernas de um homem alto, bonito, ombros largos, que já havia lhe sussurrado alguns elogios ao ouvido, e vestiu-lhe o capacete.

Chegou à beira da passarela invisível. Fez uma pausa, seus quadris dançavam de um lado para outro. Percorreu seu corpo com as mãos: alisou seu peito, percorreu pela barriga. parou um pouco na virilha, desceu pelas pernas e voltou para o peito.

Deitou-se de costas na passarela invisível, já com a jaqueta aberta caindo sobre os ombros nus. Um homem de cada lado da passarela levantou-se e

tiraram-lhe o casaco, com beijos nos ombros lisos. Parou mais um instante, de pé, dançando suavemente. Ela olhou nos olhos de cada um que estava ali, provocantemente. Ela via o desejo estampado em cada olhar, e tentava não pensar no que cada um deles estava fazendo onde ninguém estivesse vendo, mas ela sabia exatamente o que faziam. E ela adorava causar aquela reação.

Andou até a plataforma, cruzou uma perna no poste, e deitou-se para trás. Os homens que estavam próximos à plataforma apressaram-se em segurá-la. Quando estava segura entre os braços dum mulato forte e sensual, passou uma mão entre a barra da saia e tirou-a em um só movimento. Ele a ajudou a levantar-se, recebendo como pagamento a peça de roupa. Recostou-se com as costas nuas no poste, sentindo um certo arrepio, devido à temperatura dele. Seus braços levantaram-se, segurando-o lentamente, enquanto seu corpo descia e subia novamente. Empurrou um homem que a fitava ferozmente com

olhos vermelhos contra a parede, prendendo-o com o pé. O homem entendeu o recado e tirou-lhe a bota, concluindo com um beijo do tornozelo até a ponta dos dedinhos. Levantou-se novamente, cruzou a outra perna, e deitou-se suavemente na plataforma.

Com a perna levantada, descalçou-se e girou o corpo, encaixando-se no poste. Todos responderam com um: "Hmmmmmmm", seguido de gritos, assobios e elogios desejosos. Ela levantou-se, prendendo-se na metade da altura do poste com as pernas cruzadas; arqueou o corpo para trás, fitando novamente seu público. Entre o alarde que se formou, ela conseguiu vira dois homens conversando com Jaweer. Mas, o mais curioso não era isso, afinal, todos conversavam com seu chefe. O que lhe prendera a atenção foi a jovem garota aos pés de um deles: tinha não mais que dezessete anos, e estava fascinada em sua apresentação. Jackie sabia que não era a garota que procurava, mas, talvez, a jovem escrava tivesse alguma informação. - Hmmm... Talvez ela saiba de algo - pensou, enquanto encaminhava-se para o final da música - Mas como farei para me aproximar deles? - Apesar disso, não

não era de todo estranho aquele “tipo” de pessoa no estabelecimento, dado que a escravidão era prática comum, principalmente no Vosk. Não sabia precisar o porquê daquela menina, em específico, lhe chamar tanto a atenção.

Seus olhos, duas joias de um azul profundo, fitaram os olhos verdes da escrava, que sorria em reconhecimento. Desviou o olhar e prosseguiu com seu show.

A música estava terminando e ela estava cansada demais para qualquer coisa mais, desejava apenas sua cama e, talvez, uma garrafa de vinho. Com o término, desceu do palco, e, imediatamente, recebera os parabéns, elogios, e convites para uma “esticada” da noite em apartamentos e lofts: todos devidamente agradecidos com um “vou pensar e ligo mais tarde” como resposta. Dirigiu-se para o pequeno camarim atrás da cortina, onde tomaria algumas doses de tequila, antes de ir embora.

- Mestre? - perguntou a jovem escrava de olhos verdes, em um tom de voz bem baixo, sem interromper a conversa de seu dono com outro

homem, tão logo a dançarina entrara para o camarim.

- Diga, Jade. - respondeu o homem de cabelos castanhos escuros, presos em um rabo de cavalo, sem sequer desviar a atenção do balcão. Ele usava uma jaqueta de couro. Nas costas, fixados com tachinhas de metal, a figura da morte, segurando uma foice, e uma esfera com um A desenhado.

- Deseja algo para a sua menina? – perguntou em um tom de voz ainda mais suplicante e sussurrado - Do contrário, a sua menina pode conversar com a dançarina? A sua menina ficou fascinada com o show e gostaria de pedir algumas dicas, para entreter o Mestre e seus convidados.

- Tá, tá, vá logo que estamos encerrando o assunto aqui. - Fez um gesto com a mão, ainda sem olhar para a escrava. E, voltando-se a Jaweer, prosseguiu o assunto: - E então, Jawe, como vai ser?

Sem dar as costas para os homens, a garota afasta-se um pouco para, quase com as costas na parede oposta do bar, então virar-se e caminhar até a dançarina, que terminava sua terceira dose de

tequila.

- Com licença, senhora. Esta menina pode entrar?

- perguntou a jovem do lado de fora da cortina. Visto de dentro, Jackie via apenas os joelhos da garota.

Talvez devido à bebida ou simplesmente pelo que realmente era, a policial achou aquilo muito engraçado. Respondeu calmamente - Claro, pode entrar. - E, vendo a garota entrar e postar-se de joelhos, pensou em perguntar o porquê daquilo, mas simplesmente deixou-a ficar a vontade. - O que posso fazer por você? Aceita uma bebida?

A garota fez que não com a cabeça, ainda olhando para baixo. Arriscara subir um pouco o olhar, e viu, por um breve momento, o sexo exposto da dançarina, quase totalmente depilado, uma vez que a mesma continuava nua.

- Não, senhora, esta menina não está autorizada a beber fora da casa do Mestre. - respondeu com orgulho por estar seguindo as regras à risca - Esta menina ficou fascinada com a dança da senhora, e gostaria se possível, que a senhora desse algumas dicas para esta menina, pois esta não tem habilidades suficientes para entreter seu Mestre e

seus convidados com dança tão sensual, senhora.

Jackie realmente estava achando muito engraçado a forma como a garota falava, como se referia a ela, a si própria e ao homem a quem chamava de "mestre". Mas não perderia a oportunidade de perguntar, pois não teria outra oportunidade.

- Que bom que gostou, menina. É bem simples, na verdade. É trabalhoso, mas simples. O segredo está nas pernas - deu dois tapinhas nas próprias coxas e riu - Você deve segurar com força o poste de dança, e deixar a música fazer o resto. Como se chama?

A escrava ouvia a breve explicação como se fosse uma aula completa de pole dance, admirada. Podia-se dizer, até, que seus olhinhos verdes brilhavam. - Esta menina se chama Jade, senhora.

- Posso fazer uma pergunta, Jade?

A garota assentiu com a cabeça. - A senhora não precisa pedir permissão para esta menina, senhora. Pode perguntar o que desejar a sua vontade.

A policial, que naquele instante tirava a peruca ruiva revelando seus cabelos loiros, sacudiu a

cabeça, soltando o cabelo com os dedos, não se conteve e riu. - Desculpe pelos risos... enfim, você se parece muito com uma prima minha, coitada, está desaparecida. Sua família está desesperada. Por acaso você a conhece? Viu-a em algum lugar?

A jovem garota mudou de expressão, deixando visível que aquele era um assunto que não poderia falar. Com uma voz muito baixa, quase imperceptível, ela sussurrou, como se seu mestre fosse entrar a qualquer momento e puni-la por isso. - Esta menina sabe de quem a senhora fala, senhora. Esta menina a encontrou na casa do Mestre faz três noites, senhora, até a prima da senhora ser levada. É tudo o que esta pode dizer-lhe, senhora.

O coração da policial disparou. Finalmente uma pista válida. Tentou pressionar mais a escrava. - Está tudo bem, menina, seu mestre está conversando com meu chefe. Você pode dizer-me mais que ele não saberá.

- Esta menina não pode, senhora - recusou veementemente a escrava. Tinha pavor em seus olhos, como se seu Mestre soubesse tudo o que ela pensava e falava, mesmo quando não estivesse

presente - é só o que esta menina pode dizer, senhora. Mas na casa do Mestre... - A garota começou a falar e tapou a boca, ao ouvir a ordem de seu mestre vindo do lado de fora da cortina.

- Vamos, Jade, vamos para casa!

A garota loira tentou impedir, mas a escrava fizera que 'não' com a cabeça e despediu-se, virando de costas e saindo de frente para seu mestre. - Sim, Mestre, esta menina já havia encerrado a conversa.

- Sobre o que conversavam, garota? - perguntou o homem com uma expressão séria.

- Nada, Mestre. A dançarina dava para sua menina dicas para esta dançar melhor.

- Nada e vocês conversaram sobre as dicas de dança... Conversaremos em casa melhor sobre isso.